

# Mapeando reconfigurações do conceito teórico de livro

André Carlos MORAES<sup>1</sup>

**Resumo:** Revisão bibliográfica crítica sobre modelizações teóricas do livro, tanto com fundo histórico quanto no contexto das novas tecnologias. Propõe-se uma sistematização para fins de discussão dos autores. Identifica-se um corpo principal de referências ligado à história do livro, incluindo Roger Chartier, Robert Darnton e D.F. McKenzie, e são apresentadas três linhas alternativas. A primeira é composta por autores que defendem uma singularidade histórica do momento presente do livro em face dos meios eletrônicos. Nesta vertente, é analisado o conceito de Late Age of Print, de Ted Striphas. Outra linha, derivada de Marshall McLuhan, contempla a concorrência entre tecnologias de comunicação. Nesta seção, é detalhada a obra Remediation, de Jay David Bolter e Richard Grusin. A última seção acompanha a proposição original de Thomas A. Bredehoft para análise das diferentes ideologias de reprodução de texto.

**Palavras-chave:** livro; história do livro; texto eletrônico; mídia impressa; produção editorial

## Mapeando reconfiguraciones del concepto teórico del libro

**Resumen:** Revisión bibliográfica crítica sobre los modelos teóricos del libro, tanto acerca de los antecedentes históricos como en el contexto de las nuevas tecnologías. Proponemos acá una sistematización para la discusión de los autores. Hay también un cuerpo principal de las referencias vinculadas a la historia del libro, incluyendo Roger Chartier, Robert Darnton y D.F. McKenzie, con presentación de tres líneas alternativas. En la primera, hay autores que abogan por una singularidad histórica del libro del momento presente del libro frente a los medios electrónicos. En este sentido, se analiza el con-

<sup>1</sup> Jornalista, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). Membro (estudante) do grupo de pesquisa Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) registrado no CNPq. E-mail: andrecmoraes@uol.com.br

cepto de Late Age of Print, de Ted Striphas. Outra linha, de Marshall McLuhan, contempla a competição entre as tecnologias de Comunicação. Acá, se detalla a obra Remediation, de Jay David Bolter y Richard Grusin. La última sección sigue el camino de Thomas A. Bredehoft, para el análisis de las diferentes ideologías de reproducción de los textos.

**Palabras clave:** Libro, Historia del Libro, Texto electrónico, Medios impresos, Producción editorial

## Introdução

Um dos desafios, para quem se dedica a pesquisas sobre produção editorial no contexto contemporâneo, é enquadrar teoricamente o objeto empírico do livro. Leitores e mesmo profissionais da cadeia do livro têm seus próprios conceitos intuitivos, mas a constituição teórica deste que é um dos mais antigos meios de comunicação de massa costuma variar de um autor para outro, ou até mesmo flutuar conceitualmente dentro de um mesmo trabalho. Pesquisadores que optaram pelo embasamento a partir da história do livro ou da história cultural costumam mobilizar um corpo consolidado de referências, entre as quais se encontram autores como Robert Darnton, Roger Chartier e D.F. McKenzie. Porém, há outras vias teóricas que têm sido ensaiadas em anos recentes, às vezes utilizando diferentes aproximações temáticas e empregando outros pressupostos teóricos.

Este artigo busca mapear alguns destes enfoques teóricos do livro alternativos ao paradigma mais empregado, não de forma exaustiva mas analisando casos específicos de autores que optaram por alguma via representativa ou promissora dentro desta proposta. O presente trabalho se propõe como uma revisão bibliográfica crítica, e para isto divide a exposição em etapas. Inicialmente, na seção a seguir, é apresentada, para fins de contextualização, a constituição geral do paradigma histórico-cultural do livro, com alguns de seus principais autores, e as questões de pesquisa que têm sido elaboradas a partir de seus pressupostos. A seguir, são apresentadas três análises de autores que contemplaram teoricamente um espaço para a reconfiguração do conceito de livro, seja em uma perspectiva histórica, seja em uma tentativa de atualizá-lo em função da conjuntura contemporânea. Estes autores, Ted Striphas (2011), Bolter e Grusin (2000) e Thomas A. Bredehoft (2014), foram escolhidos por representar estratégias de abordagem diferenciadas entre si e bem marcadas em suas próprias tentativas de reconfigurar teoricamente o objeto empírico do livro.

## O paradigma histórico-cultural do livro

Leslie Howsam oferece um resumo do principal paradigma teórico para compreensão do livro na introdução de uma obra sua dedicada ao tema:

Velhos Livros e Novas Histórias busca ser uma orientação, uma espécie de guia de campo, para identificar e analisar os três maiores enfoques acadêmicos para estudos da história e cultura do livro. Estes enfoques ocorrem através dos estudos literários, bibliografia e história, disciplinas com problemáticas muito diferentes e algumas vezes conflitantes, que convergem sobre um fenômeno que é simultaneamente um texto escrito, um objeto material e uma transação cultural – o livro. (HOWSAM, 2006, p.vii)<sup>2</sup>

Embora, nas suas próprias palavras, a autora identifique uma pluralidade de abordagens, por vezes conflitantes, é importante destacar a afiliação teórica em sua síntese do livro como “um fenômeno que é simultaneamente um texto escrito, um objeto material e uma transação cultural” (Idem). A definição de Howsam sintetiza uma próspera linha de investigação teórica, baseada na contextualização histórica tanto quanto na estrutura textual e na tecnologia do livro, e por isso mesmo largamente adotada por autores contemporâneos, já que foge ao reducionismo e ao determinismo tecnológico que são riscos permanentes em análises sobre evoluções da história dos meios de comunicação.

A riqueza deste paradigma histórico-cultural de pesquisa pode ser apreendida em um postulado de Roger Chartier, ele mesmo um historiador cultural:

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. [...] A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos

os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a “ordem do discurso” pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). (CHARTIER, 1998, p.8)

Dentro dessa definição de Chartier, por sua vez, é possível enquadrar uma longa trajetória de pesquisas, que vem desde *L'Apparition du Livre*, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, de 1958, um dos textos fundadores da chamada História do Livro e dedicado, exatamente, aos primeiros processos de produção editorial, em uma perspectiva historiográfica. Ao falar em “ordem do discurso” e sugerir, já no título de seu livro, o conceito de “ordem dos livros”, Chartier também mobiliza um referencial teórico mais amplo e profundo, que dialoga, por exemplo, com Michel Foucault, autor, a seu turno, de outro texto fundamental da área, *Qu'est-ce qu'un auteur?*, no qual esboça uma categoria descritiva essencial para estudos deste paradigma, a função autor (FOUCAULT, 1994, p.798).

Extensões recentes desta linha investigativa incluem o amplo estudo de John B. Thompson sobre transformações na indústria do livro contido nos títulos *Books in the digital age* (2008) e *Merchants of culture* (2012). Ali o autor se debruça sobre as mudanças no mercado editorial no século XXI a partir de um extensivo trabalho empírico. Thompson entrevistou centenas de agentes ligados à indústria do livro no Reino Unido e Estados Unidos, compondo um painel descritivo da constituição do mercado e das práticas em transformação dentro dele. Como operador teórico, empregou uma adaptação do conceito de campos de Pierre Bourdieu. Na apropriação de Thompson para o conceito de Bourdieu, campo é “um espaço estruturado de posições sociais; é um espaço estruturado de recursos e poder com suas próprias formas de competição e recompensa”<sup>3</sup> (THOMPSON, 2008, p.6), com a ressalva de que “campos são muito mais que mercados: são também feitos de agentes e orga-

2 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

3 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

nizações e as relações entre eles”<sup>4</sup> (THOMPSON, 2008, p.7).

À parte a ampla adesão ao paradigma histórico-cultural do conceito de livro por parte de autores e pesquisadores, o conjunto de disciplinas desta área continuamente é desafiado pela questão das reconfigurações tecnológicas e culturais do livro e do texto. Já nos anos 80, D.F. McKenzie, proveniente da ciência da bibliografia que Howsam (2006, p. p.vii) identifica como um dos principais enfoques acadêmicos da história do livro, falava da preocupação em estender o conceito de texto para além da representação puramente bibliográfica:

Em retrospecto, a falha em desenvolver formas de controle bibliográfico, arquivamento adequado, e acesso público adequado nos moldes da tradicional biblioteca é compreensível. Mas a força cumulativa destas novas mídias, juntamente com outras ainda mais recentes como televisão, fitas magnéticas, discos ópticos e computadores, e a importância dos textos registrados nelas, é tal que continuar a negligenciá-las seria imperdoável.<sup>5</sup> (MCKENZIE, 2004, p.63)

Toda uma linha de investigação se formou a partir da preocupação dos autores ligados ao paradigma histórico-cultural com as transformações conceituais sofridas pelo livro no contexto das novas tecnologias. O historiador Robert Darnton deu voz a uma dessas preocupações em *The Case for the Book* (2009), onde pergunta “Que terreno em comum existe entre os velhos livros e os e-books? Que vantagens mútuas ligam as bibliotecas à Internet?”<sup>6</sup> (DARNTON, 2009, vii).

Esta preocupação, em termos mais fortes, é sintetizada pelo comentário de Chartier a respeito da multiplicação de textos por via eletrônica:

Esta oposição essencial entre um mundo de descontinuidade material referente às diferenças textuais ou às pluralidades de uso de um lado, e, de outro lado, um continuum de textos portado por um objeto único e que dá a estes textos formas similares, tem consequên-

cias, me parece, muito profundas e que, temporariamente ao menos, substituem a antiga ordem dos discursos pelo que poderíamos chamar de uma desordem dos discursos, se nos referimos às categorias antigas.<sup>7</sup> (CHARTIER, 2001, não paginado)

As questões de pesquisa formuladas pelos historiadores como Chartier e Darnton em relação às continuidades e descontinuidades do livro na fronteira com o texto eletrônico vão além das especulações sobre mercado e futuro editorial. Em alguma medida, trata-se de procurar reenquadrar teoricamente o livro, procurar compreender o funcionamento de novas dinâmicas de produção e disseminação de textos em um contexto potencialmente transformado pelas novas práticas culturais advindas, em parte, de novas tecnologias. É este o conflito teórico sintetizado na expressão “desordem dos discursos” mencionada por Chartier. Este novo contexto não representa qualquer impasse ou crise do paradigma histórico-cultural de conceituação do livro, mas é nesta confluência que se situam os enfoques teóricos alternativos que são objeto do presente artigo. A seção a seguir investiga um primeiro enfoque aparentado desta abordagem.

### *A late age of print*

Uma sistematização possível, dentro do tipo de questionamento esboçado por Robert Darnton e Roger Chartier em função das transformações do livro em face de novas tecnologias, é considerar, para fins de análise, que a cultura editorial adentrou um momento singular, diferenciado daqueles anteriores. Autores adeptos desta tendência em particular podem chegar ao extremo de declarar a cultura impressa como extinta, como fazia, por exemplo, Jeff Gomez no volume dedicado aos e-books *Print is Dead* (2008).

Algumas vezes, como no caso de Gomez, os adeptos de elaborações deste tipo não provêm do mundo acadêmico, apresentando juízos menos críticos ou teoricamente pouco embasados. Mas também há uma versão erudita desta vertente, na forma de autores especializados em outras áreas que se aventuram em previsões sobre o futuro do livro, às vezes com algum exagero. De Juremir Machado da Silva:

4 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

5 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

6 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

7 Original em francês. Versão do autor deste artigo.

Já se pode sentir o perfume do passado em cada página, mesmo virtual, que se vira. Vale repetir: não é só o livro que desaparecerá, é a escrita. Não é a escrita em material impresso que sairá de cena, mas a escrita em qualquer suporte. (SILVA, 2012, p.127)

Há versões menos radicais desta tendência sustentadas por pesquisadores respeitadas, mas que incorrem, ainda assim, no padrão particular deste raciocínio, que é pressupor uma espécie de escala evolutiva que o livro percorreria. É o caso deste comentário de Lucia Santaella:

O livro não desapareceu com a explosão do jornal, nem deverão ambos – livro e jornal – desaparecer com o surgimento das redes teleinformáticas. Poderão, no máximo, mudar de suporte, tal como o livro já saltou do couro para o papiro e deste para o papel. (SANTAELLA, 2007, p. 129)

Aqui, Santaella parece pressupor uma evolução linear para a história do livro, passando ao longo de vários suportes e eventualmente em transição para meio eletrônico. É própria de uma determinada vertente de insights sobre o futuro do livro, por vezes com risco de se incorrer em certo determinismo tecnológico, esta adesão a um paradigma evolutivo.

Mas existem também proposições teóricas mais estruturadas dentro desta linha. Em especial, merece análise o conceito de *Late Age of Print* do norte-americano Ted Striphas (2011), delineado no livro de mesmo nome. O autor, inclusive, começa sua argumentação com uma crítica à concepção que poderia ser chamada de evolutiva:

Algumas partes interessadas inclusive vão tão longe a ponto de sugerir que a era dos livros impressos está se aproximando do fim. Justificam suas alegações sugerindo que estes itens podem existir *no* momento presente, mas para todos os propósitos práticos eles não são *do* momento presente. É hora de mudar, dizem. Estes falsos profetas erram em

não reconhecer como esta estranha condição temporal é dificilmente única ao nosso próprio tempo. De fato, é um dos atributos mais perenes dos livros impressos na história.<sup>8</sup> (STRIPHAS, 2011, p. X)

Embora, para fins de sistematização, Striphas possa ser agrupado entre aqueles que entendem que o objeto livro está adentrando um momento singular, sua análise está muito distante de qualquer simplificação. Como indica seu comentário sobre os “atributos perenes dos livros impressos na história”, parte de sua argumentação provém do comparativo com circunstâncias culturais que permeiam a história do livro. O ponto que diferencia Striphas de outros teóricos como Roger Chartier e Robert Darnton, porém, é que sua análise do livro não parte de grandes categorias históricas, mas de observações do cotidiano dos leitores, editoras e, principalmente, da inserção do livro nos outros meios de comunicação. Ele define que “embora atue na sobreposição de história da mídia, tecnologia, ideias e cultura de massa, não é um trabalho de história em si” (STRIPHAS, 2011, p.13).

Striphas emprega a metodologia dos estudos de caso, partindo da análise de diversas instâncias da cultura do livro contemporânea, identificando o que ele chama de “sites” (aqui, entendidos como locais, espaços, reais ou figurados) (STRIPHAS, 2011, p.14). Ele examina, por exemplo, a ascensão e declínio das grandes redes de livrarias nos EUA, o clube do livro da apresentadora Oprah na tevê norte-americana e as táticas utilizadas por editores internacionais para prevenir pirataria e vazamentos da série Harry Potter. A partir destas e de outras ocorrências, o autor conclui que a cultura do livro segue forte dentro do cenário atual, porém com determinadas características únicas deste momento histórico. A este conjunto complexo de relações que cercam o livro nesta época de emergência de outros meios, Striphas chama de *Late Age of Print*, nomenclatura que provocativamente evoca aquela aplicada às subdivisões do período medieval.

Parte importante da proposição de Striphas é um construto teórico que fica subjacente à sua proposição de *late age of print*. Ele mescla conceitos de Karl Marx, Michel Foucault, Michel de Certeau e Henri Lefebvre em uma extensão da ideia de “sociedade de consumo controlado” (STRIPHAS, 2011, p. 180) originalmente proposta por Lefebvre. Nesta proposição teórica, certos ramos do

8 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

9 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

capitalismo passariam a depender de uma função coercitiva ativa por parte dos consumidores, que exerceriam voluntariamente uma espécie de vigilância. Striphas vê elementos deste conceito sociológico, por exemplo, nas táticas de coibição de pirataria e em alguns regimes de distribuição de e-books.

Das conclusões do autor, vale apontar esta observação:

Elaborar uma história recente dos livros mais rigorosa é importante por muitas razões, entre as quais a necessidade de desafiar concepções errôneas comuns sobre como as outras mídias afetam os livros e a cultura do livro.<sup>10</sup> (STRIPHAS, 2011, p.188)

Neste comentário, nota-se o principal elemento com o qual sua análise, em um ponto de vista mais amplo, dialoga com aquela vertente mais preponderante dos estudos da história do livro. Striphas não realiza um estudo apenas retrospectivo, mas atentamente ligado à atualidade. Embora este também fosse o caso dos levantamentos de John Thompson sobre o campo do livro (THOMPSON, 2008; THOMPSON 2012), Striphas se diferencia por acompanhar atentamente reflexos em outras mídias e por se guiar também por uma teoria de desenvolvimentos tecnológicos que não é originária dos estudos literários. Na introdução, o autor evoca o conceito de Harold Innis das “tecnologias de constrição do tempo” versus as “tecnologias de constrição de espaço”<sup>11</sup> (STRIPHAS, 2011, xi). As primeiras seriam aquelas que têm durabilidade para atravessar as eras, enquanto as últimas teriam, principalmente, o objetivo de encurtar distâncias. Ao primeiro tipo pertenceria a tradição do livro impresso, e ao segundo a maioria dos dispositivos eletrônicos, como telefones e computadores. O livro eletrônico seria um aparentado de um produto do primeiro tipo, porém com a estrutura tecnológica do segundo (STRIPHAS, 2011, p.xiii).

Dentro da sistematização proposta pelo presente artigo, a *late age of print* de Striphas foi a primeira das teorias alternativas analisada em função de sua grande semelhança com o principal corpo de teorias daquilo que se poderia chamar de paradigma histórico-cultural do livro. Um grau de afinidade vem de sua preocupação

histórica e também de sua referência a teorias de fundo sociológico. A alusão a Innis, por outro lado, indica uma proximidade também com o próximo grupo, que desce de uma linha originada por um autor pesadamente influenciado por Innis, Marshall McLuhan. Este será o assunto da próxima seção.

## Remediações

Uma linha teórica paralela à História do Livro costuma ser vinculada à obra de Marshall McLuhan, por conta de sua obra de 1962 *A Galáxia de Gutenberg*. Ali, o ensaísta canadense expunha sua teoria de que a tipografia, por si só, provocou efeitos amplos na cultura e no modo de pensar ocidentais. Para ele, algumas mudanças eram inerentes à tecnologia, instaurando modos de pensar que contrastavam com a cultura anterior, manuscrita. McLuhan também considerava que a Galáxia de Gutenberg, como passou a chamar a cultura originada pela tipografia, tinha o diferencial de privilegiar um sentido (o visual) sobre os demais, em contraste com culturas anteriores, como a oral. Essa característica poderia vir a ser, novamente, modificada pela emergência dos meios de comunicação eletrônicos como o rádio e a televisão. Essa análise fundamentava seu célebre postulado de que “todos os efeitos da tecnologia tipográfica encontram-se agora em forte oposição à tecnologia eletrônica” (MCLUHAN, 1972, p.311).

Apesar da repercussão inicial, as ideias de McLuhan permaneceram durante anos à margem das pesquisas, a ponto de Mauro Wolf tê-lo definido como um autor “cuja obra – para além de polêmicas apaixonadas e comemorações comovidas – deixou, porém, pouquíssimos traços na pesquisa” (WOLF, 2008, p.100). McLuhan, que começou a ser resgatado em anos recentes (ver MACHADO, 2015), permaneceu influenciando autores principalmente por sua perspectiva tecnológica, mesmo aqueles externos ao meio acadêmico, às vezes fundamentando visões alarmistas sobre o futuro do livro frente à concorrência com os meios eletrônicos (ver, por exemplo, CARR, 2011, p.56; ULIN, 2010, p.103; GOMEZ, 2008, p.79).

Apesar de McLuhan ter ensejado estas apropriações com menor rigor científico, também há autores de teorias mais elaboradas que estabeleceram diálogos com suas ideias, caso dos alemães Friedrich A. Kittler (ver KITTLER, 1999, p.12) e Wolfgang Ernst (ver ERNST, 2013, p.90). Merece análise, aqui, uma outra dupla de autores que estenderam conceitos de McLuhan em função do contexto moderno do livro e da concorrência

10 Original em inglês. Versão do autor deste artigo.

11 No original, respectivamente, “time-binding technologies” e “space-binding technologies”.

de mídias. Trata-se de Jay David Bolter e Richard Grusin, autores do conceito de *remediation*.

Bolter e Grusin reconhecem os insights de McLuhan, embora alertem para os perigos de seu “determinismo” (BOLTER;GRUSIN, 2000, p.187). A tese dos autores é que novos meios de comunicação tendem a tentar reproduzir e ampliar recursos dos que os antecederam, ao mesmo tempo que os antigos tentam emular recursos novos. Esse fenômeno, ao qual chamam de *remediação*<sup>12</sup>, seria uma constante histórica. “Nossa única previsão é que qualquer mídia futura também vai definir seu significado cultural com referência a tecnologias estabelecidas.”<sup>13</sup> (BOLTER;GRUSIN, 2000, p.271)

Para a temática do presente artigo, interessa a articulação da teoria dos autores com a cultura do livro. Na parte final de seu ensaio, após a descrição da categoria da “*remediação*”, os autores refletem sobre a faceta psicológica dos fenômenos de mídia, e cogitam que os indivíduos podem definir a si mesmos (*self*) através da relação com os meios de comunicação (BOLTER;GRUSIN, 2000, p.231). Vem, daí, a seguinte observação:

Em uma era anterior, o romance ou a biografia podem de fato ter sido vistos como os mais atraentes veículos para a expressão da individualidade, mas em nossa cultura visual hoje, parece improvável que qualquer representação textual do *self* possa se manter contra as *remediações* de uma cultura visual rival. (BOLTER;GRUSIN, 2000, p.262)

Este é o nível de articulação pelo qual, dentro da presente tentativa de sistematização, Bolter e Grusin estão agrupados junto às teorias do livro que descendem de Marshall McLuhan. Apesar de toda a complexidade e riqueza do argumento dos autores, em determinado aspecto eles recaem na questão da rivalidade entre a cultura textual e a visual, uma das características definidoras desta linha teórica. Outra delas é a preocupação centrada em tecnologia, embora, neste caso específico, com ampla preocupação em contextualizar uma dimensão social subjacente ou associada.

Bolter e Grusin também abordam outros temas ligados ao livro que podem ser de interesse ou curiosidade para pesquisadores que estejam realizando inventários sobre a história desta mídia. Eles comentam,

por exemplo, o videogame de sucesso *Myst* (BOLTER;GRUSIN, 2000, p.95), que, segundo eles, tentaria fazer uma *remediação* do livro impresso em face do cinema e da tecnologia da computação.

Dentro da proposta de sistematização do presente trabalho, seria interessante observar que tanto esta linha de investigação que inclui McLuhan e Bolter e Grusin quanto a anterior, que incluía Ted Striphas, lançam mão de um embasamento de história da mídia. Estes autores compartilham a metodologia de comparar momentos dos meios de comunicação, identificando transformações e evoluções. É um ponto em comum, inclusive, a identificação de um momento diferenciado para a cultura do livro, que presentemente estaria em confronto com os meios eletrônicos ou, ao menos, sofrendo pressão por parte deles.

A seção a seguir investiga uma estratégia teórica diferente de reconfiguração do conceito de livro, que, embora utilize mais extensivamente uma perspectiva histórica, busca uma aproximação alternativa. Trata-se de decupar ou recortar diferentes componentes da cultura do livro e identificar transformações a partir daí.

## O texto visível

Como exposto na seção 2, os autores da principal vertente de modelização teórica do livro costumam centrar sua atenção nos aspectos culturais da cultura do impresso, embora sem deixar de registrar variações tecnológicas ou morfológicas. Isso fica bem claro quando Roger Chartier pergunta se “não seria necessário dar mais atenção às funções da escrita que ao modo de sua leitura?” (CHARTIER, 1998, p.99) ou quando menciona transformações históricas como a da leitura intensiva para a extensiva (CHARTIER, 1998, p.99), assim como na observação abaixo:

Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção da escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações. Nestes últimos anos, a história do livro empenhou-se em analisar, em diversas escalas, esses efeitos sobre o sentido das formas. (CHARTIER, 1998, p.105)

Faz parte, então, da estratégia dos autores desta linha o procedimento de esmiuçar os componentes culturais, históricos e morfológicos ligados ao

<sup>12</sup> No original, “*remediation*”

<sup>13</sup> Original em inglês, versão do autor deste artigo.

livro, a fim de compreender como eles se transformam e eventualmente se reconfiguram em novos contextos. Esta ação teórica se torna especialmente útil quando se trata de mapear mudanças como aquelas advindas do texto eletrônico. Chartier já considerava que “a revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura” (CHARTIER, 1998, p.100).

Este mesmo procedimento integra o sistema conceitual introduzido em uma obra recente. Thomas A. Bredehoft, em *The Visible Text*, de 2014, propõe um exercício nestes mesmos moldes, isolando elementos da história do livro e observando suas transformações ao longo dos diferentes períodos. Ele mobiliza um corpo teórico comum ao paradigma histórico-cultural, incluindo Jacques Derrida, Michel Foucault e Gerard Genette, porém aplicado dentro de um ferramental enriquecido por elementos originais. O sistema conceitual apresentado por Bredehoft é altamente versátil e coerente, mas dentro da sistematização do presente artigo está sendo analisado em separado dada sua condição de construto propositivo.

Bredehoft, especializado em literatura antiga anglo-saxônica, propõe uma sistematização histórica de transformações nos modos de reprodução textual. Para isso, operacionalmente emprega uma série de conceitos de autores ligados às teorias de produção editorial. Emprega, especialmente, o conceito de “paratexto” de Gerard Genette, que define o material editorial incluído no livro (tais como prefácios, fichas, capas) que não integra diretamente o texto autoral (BREDEHOFT, 2014, p.7). Também emprega a “variance” de Jacques Derrida, usado para discutir a noção de que exista um texto ideal do autor, abstrato, do qual as versões impressas são cópias inexatas (BREDEHOFT, 2014, p.19). A função autor de Michel Foucault também faz parte do ferramental mobilizado pelo autor (BREDEHOFT, 2014, p.100).

A partir destas ferramentas descritivas, Bredehoft propõe um estudo comparativo identificando o que ele entende como mudanças de paradigma de leitura e reprodução textual ao longo de vários períodos históricos. Faz isto através de análises de objetos específicos. O primeiro momento histórico identificado por ele é o das “produções”, entendidas como criações textuais únicas e originalmente vinculadas a um objeto físico. Seu objeto, para a descrição desta categoria, é um baú anglo-saxônico entalhado do século VIII, o Franks Casket, que faz parte do acervo do British Museum e é coberto de inscrições (BREDEHOFT, 2014, p.8). Integrariam esta categoria os manuscritos medievais, que, segundo o autor, frequentemente eram criados como objetos singulares.

Por vezes, o ato de produzir-se uma cópia motivava a destruição do anterior. Não haveria a noção de “original”, porque cada produção seria única.

O paradigma subsequente, na sistematização de Bredehoft, seria o que ele chama de Gótico, ainda anterior ao tipográfico (BREDEHOFT, 2014, p.61). Neste período, o autor sustenta que já havia uma cultura de cópias, na forma do trabalho exercido pelos copistas e às vezes comissionado pelos autores, mas sem a noção contemporânea de que estas cópias são reproduções de um original ideal e imutável. Bredehoft, inclusive, propõe o conceito de “original de alvo móvel”<sup>14</sup>, que seria uma cópia ainda sob a influência do conceito de produção do paradigma anterior. Ele detalha que isso acontecia, em parte, com a obra de Geoffrey Chaucer, que comissionou copistas ainda em vida para *The Canterbury Tales*, porém permitiu ou introduziu voluntariamente mudanças significativas em cada exemplar (BREDEHOFT, 2014, p.79).

A seguir, cronologicamente, viria o momento histórico da tipografia, no qual é inaugurada a cultura da cópia propriamente dita (BREDEHOFT, 2014, p.97). A edição (definida por um conjunto de paratextos aplicados em volta de um texto autoral) é uma tentativa de reproduzir um original imaculado, que é, ele mesmo, frequentemente uma entidade apenas abstrata, já que inexistente mesmo entre as produções do autor. Este período marca o surgimento do paradigma ainda vigente. Bredehoft emprega rapidamente, embora sem menção do autor, o conceito de “*late age of print*” de Ted Striphas (BREDEHOFT, 2014, p.100).

Entre as produções do momento atual, Bredehoft identifica um paradigma alternativo nas histórias em quadrinhos (BREDEHOFT, 2014, p.130), já que inexistente, em geral, um texto original. A arte do autor é finalizada durante o próprio processo industrial de impressão, através da aplicação de retículas e cor. Além disso, autores como Art Spiegel e Chris Ware (BREDEHOFT, 2014, p.131) utilizam ativamente e de forma autoral os paratextos, às vezes incluindo material exclusivo na capa ou nos dispositivos que normalmente apenas circundam o texto. Isso colocaria os quadrinhos, na sistematização do autor, em uma lógica diferente de reprodução textual, já surgida em um momento industrial.

Em suas conclusões, Bredehoft considera que o texto eletrônico e os e-books podem vir a constituir um novo paradigma, mas que ainda é cedo para se fazer juízos (BREDEHOFT, 2014, p.158). Ele salienta que suas categorizações podem se sobrepor em determinados pe-

<sup>14</sup> Em inglês, no original, “moving target original”.

ríodos, além de terem um grau de permeabilidade. Sobre- tudo, destaca que seu esforço é o de compreender o que chama de “ideologias de reprodução” (BREDEHOFT, 2014, p.168).

As observações cautelares de Bredehoft lembram as precauções teóricas dos autores ligados à história do livro, como Roger Chartier e Robert Darnton. Ao mesmo tempo, servem para ilustrar sua diferenciação em relação aos teóricos das vertentes mais tecnológicas, às vezes deterministas, de análise da produção editorial. A sistematização delineada em *The Visible Text*, apesar de em certos sentidos ser original e propositiva, conta com a grande vantagem de lançar um novo olhar sobre a história da reprodução textual sem aderir necessariamente ao entusiasmo ou alarmismo pela interação com os meios eletrônicos.

### Considerações finais

Toda sistematização, como a que foi ensaiada no presente artigo, é sempre um construto, uma entidade teórica abstrata que cumpre um objetivo específico de análise. Aqui, o agrupamento de autores teve o propósito de facilitar a identificação de continuidades e descontinuidades entre as diferentes escolas e tendências. Mas é preciso lembrar que os diferentes paradigmas abordados não são, necessariamente, excludentes, nem mesmo estanques. Autores podem transitar por mais de um, ou mesmo não se encaixar em qualquer um deles.

Dentro do propósito de elaborar uma revisão bibliográfica crítica, uma observação cabível seria que é possível notar, entre as categorias apresentadas, diferentes níveis de rigor científico. Há desde os autores com uma preocupação maior com metodologia e fundamentação até aqueles com uma maior riqueza intuitiva, nos quais os *insights* representam a maior contribuição.

Uma outra observação a partir do cotejo é que alguns dos modelos não hegemônicos de descrição do livro, mesmo aqueles mais rigorosos elaborados por Ted Striphas e Thomas Bredehoft, têm uma propensão a funcionar como sistemas totalizantes, buscando incluir todo um intervalo histórico. Vem, daí, um tensionamento de algumas destas classificações. Para que os construtos deem conta de descrever a totalidade dos objetos, às vezes os autores são levados a forçar um pouco a análise em direção à compatibilidade com o modelo.

Finalmente, é preciso levar em conta o objetivo da presente análise e sistematização, que integra a revisão bibliográfica de uma pesquisa sobre produção editorial. Como construto teórico, este comparativo procurou

identificar grandes linhas de pensamento na área de pesquisas sobre o livro, assim como seus principais autores. Também foram incluídas abordagens recentes menos representativas em termos de adesão, mas de alguma forma singulares ou potencialmente enriquecedoras para a área – caso das contribuições de Ted Striphas e Thomas Bredehoft.

Embora, como mencionado na Introdução, exista um corpo bastante consolidado de referências e entendimentos na área de produção editorial e história do livro – composto pelos autores que, aqui, se optou por chamar de integrantes do paradigma histórico-cultural –, os desafios teóricos e empíricos trazidos pelas novas tecnologias do livro têm estimulado amplo debate, tanto dentro quanto fora do meio acadêmico. A apresentação de algumas destas propostas recentes de modelização e conceituação do livro segue o procedimento científico de permitir o contínuo aperfeiçoamento dos construtos teóricos através do confronto com novas ideias e proposições. Embora, sem dúvida, nem todos os novos conceitos possam resistir ao teste da aplicação mais ampla, o ato de examiná-los e testá-los funciona, ainda assim, como um exercício inicial de investigação. A leitura crítica é um procedimento indispensável de pesquisa que, por sinal, também é bem conhecido dos que convivem cotidianamente com o multissecular objeto teórico e empírico do livro.

### Referências

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

BREDEHOFT, Thomas A. *The visible text: textual production and reproduction from Beowulf to Maus*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CARR, Nicholas. *The Shallows: what the Internet is doing to our brains*. New York: W.W. Norton, 2011.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2.ed, 1998.

CHARTIER, Roger. Les métamorphoses du livre In : *Les métamorphoses du livre. Les rendez-vous de l'édition : le livre et le numérique [on-line]*. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2001 (généré le 21 mars 2015). Disponível em: <<http://books.openedition.org/bibpomidou/1701>> Acesso em: 20 mar. 2015.



DARNTON, Robert. *The case for the books: past, present, and future*. New York: Public Affairs, 2009.

ERNST, Wolfgang. *Digital memory and the archive*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *L'apparition du livre*. Paris: Les Éditions Albin Michel, 1958. [Édition électronique, 2004]

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? (conférence). In: *Dits et écrits*, I (1954-1969). Paris, Gallimard, 1994, p. 789-821.

GOMEZ, Jeff. *Print Is Dead: Books in our digital age*. 8th. ed. New York: Macmillan, 2008.

HOWSAM, Leslie. *Old books & new histories: an orientation to studies in book and print culture*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

KITTTLER, Friedrich A. *Gramophone, film, typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MACHADO, Irene. *Ab! Se não fosse McLuhan!* Academia.edu. Disponível em: <[http://www.academia.edu/4216353/Ah\\_se\\_não\\_fosse\\_McLuhan\\_](http://www.academia.edu/4216353/Ah_se_não_fosse_McLuhan_)> Acesso em: 20 mar. 2015.

MCKENZIE, D.F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. *A sociedade midiocre: passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

STRIPHAS, Ted. *The late age of print: everyday book culture from consumerism to control*. New York: Columbia University Press, 2011.

THOMPSON, John B. *Books in the digital age*. Cambridge: Polity, 2008.

THOMPSON, John B. *Merchants of culture: the publishing business in the twenty-first century*. New York: Plume, 2012.

ULIN, David L. *The lost art of reading: why books matter in a distracted time*. Seattle: Sasquatch Books, 2010.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 30/03/2015

Aprovado em: 28/04/2015